



Paulo Macedo - Cofres em boia: quem salva quem ?

Publicado em 2025-11-06 20:57:53



Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

CGD, lucros e dividendos vs. memória curta dos resgates: a anatomia de um paradoxo público

Box de Factos

- Frase do dia: “A Caixa não é o salvador das contas públicas; quem tem de salvar as contas públicas são os portugueses.”
- Dividendo anunciado para 2026: **~1.000 milhões €**.
- Apoios públicos à banca (2008–2023): **~21,6 mil milhões €** (saldo ainda negativo acima de 21 mil milhões €).
- Recapitalização da CGD (2017): **3,9 mil milhões €** com aval europeu.
- Hoje: acordo para vender **19%** da Águas de Portugal à Parpública, com mais-valia para a Caixa.

Há frases que brilham na televisão e depois tropeçam nos factos. Dizer que um banco público “não é o salvador” das contas do Estado pode soar prudente — mas, em Portugal, depois de uma década e meia de resgates, é como anunciar dietas num banquete pago pelos contribuintes. A questão não é “salvar o Estado”; a questão é reconhecer que *a banca vive — e prospera — de um ecossistema que o Estado garante*: supervisão,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

1) O que foi dito — e o contexto

“A Caixa não é o salvador das contas públicas. Quem tem de salvar as contas públicas são os portugueses.”

A mensagem chega no mesmo momento em que a CGD anuncia o maior dividendo da sua história para o accionista-Estado em 2026 e prepara a venda de uma participação relevante em activos públicos. Em suma: *não somos o salvador*, mas ajudamos — desde que os ciclos e as margens o permitam.

2) Porque a frase é, no mínimo, infeliz

1. **Memória curta dos resgates:** entre 2008 e 2023, o sector recebeu apoios públicos na ordem dos *21,6 mil milhões €*. Mesmo com recuperações, o saldo global continua fortemente negativo. Dizer que o banco público não “salva” o Estado ignora que, quando a maré virou, *foi o Estado a salvar a banca*.
2. **CGD não é um banco qualquer:** em 2017, a Caixa foi recapitalizada em *3,9 mil milhões €*. Não foi caridade: foi política pública para proteger depósitos, crédito e estabilidade. Logo, a CGD *tem* deveres diferenciados — começam na prudência e estendem-se ao interesse económico nacional.
3. **Lucros privados, risco público:** anos gordos rendem dividendos; anos magros transportam custos

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

da banca desce quando o rating do país sobe. Isto é um *subsidium* implícito da estabilidade macro que o Estado sustém. Fingir que a relação é estanque é confundir independência de gestão com autarcia económica.

3) O que um enunciado responsável diria

“A CGD não substitui a política orçamental; devolve valor ao seu accionista com lucros recorrentes e prudentes, e cumpre uma missão pública: estabilidade, concorrência saudável e crédito à economia real.” Assim, sim: separa-se o que é política de contas do que é gestão bancária — sem apagar a história recente.

4) Três medidas para alinhar palavras e realidade

- **Relatório anual “Custo & Benefício Público da Banca”** — com contas auditadas sobre apoios, recuperações, garantias e benefícios de rating. Transparência é vacina contra amnésia.
- **Colchões de bail-in inatacáveis** — MREL e TLAC dimensionados para choques severos, antes de qualquer euro de contribuinte.
- **Mandato claro para a CGD** — não ser “salvador” do Orçamento, *mas* ser *âncora* de estabilidade, concorrência e financiamento à economia produtiva, com métricas públicas de impacto.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

*não deve esquecer quem pagou a conta quando o chão
cedeu. Entre o lucro e a missão, cabe à CGD provar —
em actos — que não há contradição.*

Francisco Gonçalves

Crónica publicada em formato “FC Dark Chronicle”.

[leia]



Fragmentos do Caos: [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)